

ENSINO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA E A LEI 10.639/03: CULTURA HIP HOP E SUAS EDUCABILIDADES

ANTIRACIST HISTORY TEACHING AND LAW 10.639/03: HIP HOP CULTURE AND ITS EDUCABILITY

ENSEÑANZA DE LA HISTORIA ANTIRRACISTA Y LA LEY 10.639/03: LA CULTURA HIP HOP Y SUS EDUCABILIDADES

Rafael Mautone Ferreira
E-mail: acheprof@gmail.com

Gilberto Ferreira da Silva
E-mail: gilberto.ferreira65@gmail.com

RESUMO

A Lei Nacional 10.639, sancionada em 2003, que obriga o Ensino da história e Cultura Afro-brasileira nas escolas é uma das conquistas, preconizada pelos movimentos sociais, particularmente, pelo movimento negro brasileiro. Neste trabalho, nosso objetivo se volta para compreender as contribuições que a Cultura Hip Hop pode aportar ao ensino de história na educação básica, tomando por foco as práticas curriculares voltadas ao último ano do ensino fundamental. Lançando mão da ideia de educabilidades, examina-se, desde a gênese do Hip Hop até as formas atuais de expressões próprias desta cultura. Nessa direção despontam, em especial, a Técnica da Sampleagem e da Mixagem como potenciais recursos para exercitar na docência do ensino de história. Dentre os destaques se observa a potencialidade que se apresenta nestas práticas culturais que ainda precisam ser melhores tratadas no ambiente do currículo escolar e no ambiente da escola de forma mais ampliada. Acreditamos que tanto os profissionais da educação (professores) quanto a comunidade e os estudantes são convocados a exercitar o protagonismo, ao conhecer, praticar e reconhecer a cultura hip hop, uma vez que o uso das técnicas implica em processos coletivos, abertos e interativos de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Cultura Hip Hop; Educação Antirracista; Formação de Professores.

ABSTRACT

National Law 10.639, passed in 2003, which obliges the teaching of Afro-Brazilian history and culture in schools, is one of the achievements advocated by social movements, particularly the Brazilian black movement. In this paper, our aim is to understand the contributions that Hip Hop Culture can make to the teaching of history in basic education, focusing on curricular practices for the final year of elementary school. Using the idea of educability, we examine everything from the genesis of Hip Hop to the current forms of expression of this culture. In this direction, the Sampling and Mixing Techniques

stand out in particular as potential resources for teaching history. Among the highlights is the potential of these cultural practices, which still need to be better dealt with in the school curriculum and in the school environment in a broader way. We believe that education professionals (teachers) as well as the community and students are called upon to play a leading role in learning about, practicing and recognizing hip hop culture, since the use of the techniques implies collective, open and interactive learning processes.

KEYWORDS: *History teaching. Hip Hop Culture; Anti-Racist Education; Teacher Training.*

RESUMEN

La Ley Nacional 10.639, aprobada en 2003, que obliga a la enseñanza de la historia y la cultura afrobrasileñas en las escuelas, es una de las conquistas defendidas por los movimientos sociales, en particular por el movimiento negro brasileño. En este trabajo, nuestro objetivo es comprender las contribuciones que la Cultura Hip Hop puede hacer a la enseñanza de la historia en la educación básica, centrándonos en las prácticas curriculares dirigidas al último año de la escuela primaria. Utilizando la idea de educabilidad, examinamos la génesis del Hip Hop y las actuales formas de expresión de esta cultura. En esta dirección, las técnicas de Sampling y Mixing se destacan especialmente como recursos potenciales para la enseñanza de la historia. Entre los aspectos más destacados está el potencial de estas prácticas culturales, que todavía necesitan ser mejor tratadas en el currículo escolar y en el ambiente escolar de forma más amplia. Creemos que tanto los profesionales de la educación (profesores) como la comunidad y los estudiantes están llamados a desempeñar un papel protagonista en el aprendizaje, la práctica y el reconocimiento de la cultura hip hop, ya que el uso de las técnicas implica procesos de aprendizaje colectivos, abiertos e interactivos.

PALABRAS-CLAVE: *Enseñanza de la Historia. Cultura Hip Hop; Educación Antirracista; Formación del Profesorado.*

INTRODUÇÃO

O mundo e as relações sociais vêm se transformando de maneira acelerada nas últimas três décadas; a era digital, suas ferramentas de comunicação, informação e conhecimentos apresentam desafios constantes na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Comprendemos a educação como uma ferramenta importante para esta construção e para o desenvolvimento dos seres humanos.

No Brasil, após vinte e um anos de ditadura civil-militar, os anos 90 trouxeram a esperança de uma Constituição Cidadã, que possibilitou a construção da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96), graças a décadas de pressão popular e dos movimentos sociais pela democratização do país. No início do novo milênio, muitas leis foram criadas para a defesa dos direitos das mulheres, negras e negros, povos originários, LGBTQIAP+ e por condições mínimas para população, no combate à fome e ao direito à saúde.

A Lei Nacional 10.639, sancionada em 2003, que obriga o Ensino da história e Cultura Afro-brasileira nas escolas é uma destas conquistas, preconizada principalmente pelo

movimento negro brasileiro. A Lei 11.645, sancionada em 2008, amplia esta obrigatoriedade incluindo a História e a Cultura do Povos Indígenas. Vinte anos depois da Lei 10.639/03, se observa que os avanços em sua implementação andam a passos lentos. Uma das possíveis causas que mantêm a lentidão, encontra no próprio sistema educacional sua resposta, uma vez que temos um currículo e práticas que priorizam conhecimentos e modos culturais herdados do processo colonizador, portanto, vinculados à cultura hegemônica eurocentrada, reveladoras de uma ideologia racista (NOVAES et. al, 2020; RODRIGUES, BARBOSA, RIBEIRO, 2022). Dentre as diferentes formas de enfrentamento apostamos na Cultura Hip Hop como possibilidade de releituras e de ocupação de um currículo deste outras perspectivas. Este trabalho, na esteira da construção de alternativas de enfrentamento ao racismo, tomando a educação como ferramenta importante nesta luta, se propõe a pensar estratégias e conteúdos advindos da Cultura Hip Hop como forma de colocar em prática a Lei 10.639/03. Metodologicamente se ampara na perspectiva qualitativa da pesquisa, de caráter bibliográfico.

Para tanto este artigo, originalmente resultado de uma pesquisa apresentada como dissertação de mestrado (FERREIRA, 2023), se organiza em quatro momentos. No primeiro se apresentam alguns aspectos do debate sobre a luta antirracista e através do ensino de história, entrelaçando com noções fundamentais do âmbito da perspectiva descolonial. No segundo destaca-se a Cultura Hip Hop e seus potenciais para uma educação descolonial, e, no terceiro momento discute-se as educabilidades que a prática do hip hop porta para contribuir no ensino da história na educação básica, principalmente com turmas de 9 ano do ensino fundamental. Finalmente apresentamos, em formato de síntese, algumas considerações finais.

O ENSINO DE HISTÓRIA NA LUTA ANTIRRACISTA E A DESCOLONIZAÇÃO

As escolhas dos mecanismos que construíram o contar da História moderna/colonial atingiu fortemente estes sujeitos históricos que habitam as margens/periferias, contribuindo para um distaciamento/negação do que é próprio, próximo para a assunção dos valores que sustentaram e sustentam as bases das sociedades colonizadas e colonizadoras. A consolidação hegemônica de um modo de pensamento, e de práticas culturais são reveladoras do sucesso do processo colonizador. Portanto, é inevitável desaprender a História como sendo única, eurocêntrica e monocultural. Tal empreitada exige outras vivências, aprendizagens e trocas de saberes fora das instituições de Ensino Formal e buscando localizar outros espaços, como bem diz Spivak (2018), daqueles que foram arremessados para fora da história, e, a partir destes espaços outros, periféricos, da margem, invariavelmente constituídos como espaços de

produção e de resistência, buscar o que aí vem se produzindo. Assim, se invoca à sensibilidade e à abertura para novas possibilidades de pensar e produzir conhecimentos pautados por outras bases, por outras vozes e outras histórias.

O ensino de História exige fazer escolhas, as combinações de tempo e espaço as definem conforme os interesses e a partir de pontos de vista, primando pela possibilidade de conhecer e refletir desde várias formas de conhecimento, concebido desde a pluriversalidade. No entanto, o pouco tempo e a grande quantidade de conteúdo exige do educador que faça escolhas sobre o que enfatizar e o que descartar na construção curricular. Nesse sentido é que o fazer descolonial nos impulsiona a um olhar reflexivo, demarcando como pontos de referência um conhecimento que toma por base o lugar geofísico de sua produção e com quais sujeitos históricos concretos esta interação acontece. Este movimento denota uma outra lógica na construção do pensamento e da reflexão, pois desloca e contribui para o destronamento do conhecimento hegemônico. Nas palavras de Ocaña (2019, p. 10) esta dinâmica implica:

acciones decoloniales forman parte del desprendimiento y desenganche de la episteme occidental/eurocéntrica/colonial, para no seguirle el juego nocivo a la retórica de la modernidad, sino apartarnos de la lógica de la colonialidad, proponiendo una gramática propia de la decolonialidad. Es decir, se trata de pensar con nuestras propias nociones y no importar categorías eurocentradas.

O fazer descolonial é a forma de viver e organizar a sociedade, que vai para além da lógica europeia. No Brasil, encontramos nas diversas manifestações de culturas populares formas de cuidado à saúde, como a utilização de ervas, chás, pomadas, rezas, etc.; as expressões oriundas das diversas línguas utilizadas, tanto pelos povos originários quanto pelos que sofreram a diáspora integradas ao vocabulário cotidiano da população em geral e organizações comunitárias e religiosas, tais como: as escolas de samba, casas de terreiros, clubes negros, aldeias, quilombos, etc., perfazendo elementos importantes do cotidiano da população ao ganhar reconhecimento.

O ensino ao tratar a história desde uma perspectiva única, cria a negação e a invisibilização de outras formas de conhecimentos, Bergamaschi produz uma síntese interessante quando diz: “podemos deduzir que o sentimento de civilização predominante no Ocidente nos últimos três séculos parte de uma autoimagem de superioridade diante das demais sociedades” (2010, p.156). Assim, ao lançarmos mão da perspectiva descolonial para refletir o lugar ocupado pelo ensino de história Ensino de maneira Antirracista, entendemos

que significa:

Assumir um ‘pensamento outro’ implica, sobretudo, adotar outro fazer pedagógico. De nada valeria uma reestruturação curricular ou redefinição de conteúdo sem uma profunda mudança de atitude e de postura dos agentes da educação, especialmente os docentes, pois são estes os propulsores – ou não – do fazer pedagógico. São os professores que possibilitam, como mediadores e motivadores, o desencadeamento do processo de aprendizagem (SILVA, 2019, p. 601).

O ensino de história pautado por princípios que respeitam e valorizam os diferentes saberes de uma educação pluriversal, possibilita a reflexão a partir de outros/nossos pontos de vista e Histórias. Provoca dinâmicas de des-aprender e re-aprender, desconstruindo a História única e, portanto, as bases do pensamento racista. Gomes *et al.* (2021, p.105) acredita que a educadora e o educador precisam assumir uma postura política de reflexão sobre o conhecimento e “beber epistemicamente de outras fontes”, possibilitando a construção de uma geopistemologia e de uma educação intercultural.

A escola intercultural é aquela onde muitas histórias são contadas e valorizadas, onde há espaço para ouvir vozes-outras e conhecer narrativas para além da história dita oficial. É um lugar onde a história única, seus estereótipos e sua estética são questionadas. Um espaço crítico, onde se busca destruir as estruturas sociais e raciais construídas pela colonialidade (GOMES *et al.*, 2021, p.107).

A Cultura Hip Hop traz conteúdos descoloniais por meio das suas múltiplas plataformas artísticas, mas, mais importante que isso, mexe com a mente e corpo das pessoas. Possibilita transcender as dimensões comportamentais das dinâmicas cristãs, industriais e capitalistas impostas nas escolas, gerando uma postura domesticada na convivência social.

CULTURA HIP HOP PARA UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL

O termo Hip Hop é derivado da frase **High Infinite Power Healing Our People** – Alto Poder de Infinita Cura para as Nossas Pessoas/Comunidades. Essa frase é utilizada dentro do movimento negro estadunidense e é uma das várias explicações para o termo Hip Hop, inclusive existe um grupo de RAP chamado High Infinite Power Healing Our People.

As bases da Cultura Hip Hop são de resistência, criatividade, pluralidade, multiculturalidade, diversidade, ancestralidade, autenticidade, cultura, união, diversão, amor, paz e o “faça você mesmo”. Usualmente se divide o Hip Hop em cinco elementos, que representam as diferentes formas de expressão artísticas que combinadas ou separadamente

evidenciam os conceitos e a estética do povo afroamericano: Graffiti (artes plásticas), Breaking (dança), MC (poesia), DJ (música) e Conhecimento (filosofias e técnicas). No dizer de Pinheiro (2013, p. 13):

É prática propalada no movimento Hip Hop a valorização do conhecimento, [...] referem normalmente a própria história e a conjuntura atual do movimento, mas também a ancestralidade negra e as informações sobre as condições de vida das comunidades onde vivem e atuam.

O ícone fundador do Hip Hop teria sido Clive Campbell, ou DJ Kool Herc. O primeiro evento da história do Hip Hop ocorreu no dia 11 de Agosto de 1973, na festa de aniversário da irmã do DJ, Cindy Campbell, no número 1520 da Sedgwick Avenue, no Bronx, em Nova York. Outra data que é um marco na História da Cultura Hip Hop é o dia 12 de novembro de 1973, data da fundação da ONG Zulu Nation, organizada pelo DJ Afrika Bambaataa, que promovia a cultura como forma de manter os jovens longe do crime e da violência, inspirados nas estratégias e ações dos Panteras Negras, como promoção de alimentação, arte e educação para crianças e jovens. Esta visão é compartilhada por Mesquita (2018, p. 35):

Me refiro ao hip-hop enquanto movimento social, que utiliza a cultura como um meio de reivindicação de melhorias para a parcela da sociedade que representam em suas músicas. Tenho clareza de que para além de um movimento social, hoje o hip-hop é uma expressão cultural. No entanto, sua gênese, que se inicia com sua construção histórica como expressão cultural, sempre esteve ligada a questões sociais.

A postura ética e a busca pelas referências é que possibilitam um bom proceder dentro da Cultura Hip Hop, tendo atitudes de respeito e positividade com todas e todos, assim como o conhecimento sobre a Cultura e suas principais referências artísticas, políticas, estéticas e dos movimentos sociais. Gomes (2017, p.18) diz que “Todos são, de alguma forma herdeiros dos ensinamentos do Movimento Negro, o qual, por conseguinte, é herdeiro de uma sabedoria ancestral”.

A Cultura Hip Hop se caracteriza por valorizar as identidades individuais e coletivas, as idiosincrasias e o ineditismo. As pessoas que desenvolvem a Cultura Hip Hop mostram sua autenticidade por meio dos cruzamentos da identidade da sua cultura e comunidade, buscando criar algo genuíno, valorizando suas referências e a história do seu grupo/comunidade/povo. É raro encontrar grupos de RAP que fazem cover. Nas batalhas de Dança, MC e DJ, quando alguém copia o que outro já fez é visto como uma prática de menor valor. Esta possibilidade de ser quem você é, por si só já é libertadora, se considerarmos a

lógica colonial que controla e submete da qual a sociedade é herdeira.

Esta forma de manifestação cultural apresenta conteúdos e metodologias que podem ser compreendidas próximas à lógica descolonial, ou seja, de destronamento da cultura hegemônica e a revitalização, reconhecimento e visibilização de outras formas de produção artística, intelectual e de expressão política.

Assim, a Cultura Hip Hop, potencializa elementos que tem na pluralidade, ancestralidade e interconectividade um lugar de produção, sendo também um lugar da margem, da periferia, um lugar onde o outro, historicamente invisibilizado, reconstrói-se como sujeito, encontrando na coletividade a força necessária para esse re-existir. O Hip Hop impulsiona, pela arte e pela atitude crítica para um agir antirracista e descolonial, fomentando trocas de saberes nos espaços educacionais, sendo esta uma das apostas no trabalho de valorização da cultura hip hop no ensino de história.

AS EDUCABILIDADES DA CULTURA HIP HOP

O clipe da música “A coisa tá preta” do MC Rincon Sapiência, inicia mostrando imagens do nascer do Sol em um Complexo Habitacional (COHAB), típico das grandes cidades brasileiras e logo em seguida mulheres e homens negros vestindo roupas coloridas com vários desenhos, nitidamente com características africanas (SAPIÊNCIA, 2016). Como em todas as periferias do Brasil, o famoso “areião”, campo de futebol sem grama, é o palco para negras e negros jovens, que no vídeo dançam com harmonia em um ritmo (Fotos 2) que mistura o “boom bap” do Rap com a batida do Funk.

Foto 1: Clipe “A coisa tá Preta”, dança



Fonte: <https://entretenimento.r7.com/musica/no-dia-da-abolicao-rapper-rincon-sapiencia-lanca-clipe-exaltando-a-negritude-06102019>

Ao trabalharmos com arte na educação, possibilitamos o entendimento e engajamento por meio de sentimentos e emoções. A Cultura Hip Hop é provocadora em sua estética e conteúdo, questiona, quando articula o sentir e o pensar a história e cultura, apresentada em versão única: valorização do mundo branco, europeu e capitalista.

De forma afrocentrada, o MC, autor da música, utiliza o codinome Sapiência, com isso, faz questão de apresentar sua visão de mundo, aliando ética, estética e conteúdo, o que leva a: denunciar o racismo, exercitar o orgulho ao usar o garfo no cabelo crespo armado (Black Power), portar o turbante que remete á ancestralidade africana, usar a bombeta (boné) que encobre a cabeça e, também, a forma brincalhona e ousada que pratica o futebol, naturalizando o drible “lambreta” (SAPIÊNCIA, 2016). Ao assistirmos o clipe, alguns elementos se fazem notar, tais como: confiança, alegria, conhecimento, malandragem das ruas, colorido das roupas, desenvoltura nos movimentos, beleza negra, autoestima e orgulho das periferias (Foto 1 e 2).

Foto 2: Clipe “A coisa tá Preta”, protagonistas



Fonte: <https://entretenimento.r7.com/musica/no-dia-da-abolicao-rapper-rincon-sapiencia-lanca-clipe-exaltando-a-negritude-06102019>

Ao recorrermos ao termo “Educabilidades”, procuramos entendermos as múltiplas possibilidades de construções cognitivas e corpóreas que a Cultura Hip Hop pode promover. Felipe Gustsack (2002), em sua tese “Hip-Hop: Educabilidades e traços culturais em movimento”, contribui para a compreensão do termo ao referir-se às educabilidades como conhecimentos e modos “que se produzem a partir das relações humanas possíveis dentro dos limites de ações sociais mais abertas do que aquelas reguladas por instituições formais como a

escola” (p.33). As educabilidades, nesse sentido, congregam fluidez, abertura, acolhimento ao que não está instituído, ao que vem de fora, da margem, do espaço outro, da não oficialidade.

Afinal, como ocorre com os processos de ensino aprendizagem escolares, as educabilidades também se constituem do que eu não sei (desconhecidos), do que eu vou dizer (dúvidas – incertezas – imaginações), das palavras ditas por outras pessoas (pré-construídos – outras presenças – diálogos) e do que posso definir aqui-agora, refletindo de maneira relacional e aberta dentro dos limites desta cultura (certezas provisórias) em que a escola é uma das instituições formadoras. (GUSTSACK, 2002, p. 33).

As educabilidades para o pesquisador, é o termo que melhor representa os produtos e saberes que são contruídos nessa prática social humana que se denomina de Cultura Hip Hop. Sugere, também o pesquisador, a distinção das educabilidades em três dimensões: as expressivo-identitárias, caracterizadas pela valorização de expressões e códigos identitários reconhecidos socialmente como importantes na construção de gênero, nacionalidade, raça, etarismo etc. As educabilidades ético-estéticas compreendem o conhecimento e as práticas culturais, tanto uma quanto a outra concebidas como formas de tensão, enfrentamento e disputa, manifestação de pontos de vista e de expressão de ideias próprias na defesa daquilo que se considera próprio do legado ancestral: “Cultura dos desafios presente nas danças dos B-boys, nos traços dos Graffitis, nos gritos e na verborragia dos MCs (...)” (GUSTSACK, 2002, p.114). Também são: “Os desafios que os rappers fazem aos instituídos e à sociedade de um modo geral (...) ao assumir a responsabilidade de construir sentidos (viver suas histórias) e as formas com as quais podem apresentá-los” (GUSTSACK, 2002, p.114).

Por fim, as educabilidades sociopolíticas destacam atitudes, paixões e a consciência para viver o mundo, portanto, carregam a vocação para a propor a mudança, seja de comportamentos individuais, coletivos e sociais, seja da realidade e estrutura social, preconizando um mundo outro possível, pautado na justiça e na igualdade.

A Cultura Hip Hop tem a capacidade de sair do senso comum, ressignificar o entendimento das vidas e histórias das pessoas da periferia, criando e recriando uma visão de mundo potente na valorização da beleza da luta antirracista, apostando na ruína do que a colonialidade deixou de legado (PINHEIRO, 2013).

Os jovens das periferias ao entrar em contato com a cultura e a história afro-brasileira acabam, retomando rastros e traços ancestrais e suas formas de expressão cultural. Ao se deparar com outras formas de conceber, por exemplo a ética, pautada em ensinamentos e exemplos advindos de sujeitos históricos, portadores de posturas de luta pela liberdade, pela democracia e pelo respeito à vida como foram os casos Zumbi e Nzinga exaltados na música,

se percebe muitos aspectos que se aproximam com as práticas de comunidades de periferia: resistência, luta, negritude, anticolonialismo, estratégias, orgulho da cor, sabedorias ancestrais e coletivismo. “Ritmo tribal no baile nós ginga. Cada ancestral no tronco nós vinga. Cada preto se sente Zumbi. E cada preta se sente a Nzinga. Pinga, quica, pinga, quica. Querendo uma brecha, toma bica. Misturou, mas a essência fica. Açúcar mascavo adocica” (“A coisa tá preta”, SAPIÊNCIA, 2017).

Podemos trabalhar as características das educabilidades ético-estéticas com as educandas e educandos, como mutabilidades, recursividade, apropriação, dialogicidade, midiaticidade, negatização, autopoietica, efemeridade, vivencialidade e territorialidade, que são expressos na Cultura Hip Hop como um todo (GUSTSACK, 2002). Os MC’s desenvolvem uma identificação dialética com o espaço e o povo de seus territórios, onde ele os valoriza e destaca com sua arte, mas também é homenageado e identificado por meio do Graffiti (Foto 3) e do carinho de sua comunidade.

Foto 3: Graffiti do MC Rincon Sapiência na COHAB 1/SP



Fonte: <https://rapgol.com.br/rincon-sapiencia-e-homenageado-pelo-time-santa-rita-fc-da-cohab-1/>

São as mutabilidades associadas à recursividade rítmica, poética, corpórea e simbólica, que a Cultura Hip Hop acrescenta Educabilidades que podem compor práticas educativas no espaço da escola e por dentro das propostas curriculares escolares, pois ao assumir o lugar de produtores de narrativas, sejam elas corporais (Break) ou discursivos (Rap, ou ainda, imagéticas (Graffiti): “As pessoas acabam tomando consciência: assumem novas atitudes. Assumir uma

atitude significa modificar seu comportamento diante de, ou em relação à, alguma coisa” (GUSTSACK, 2002, p.139). Atitude que como pode ser vista como ato que descoloniza, oportunizando a criação, o re-existir e desenvolver resistência, desenvolver consciência de quem se é e o que representa. Assim, as Educabilidades, por exemplo, socio-políticas que a Cultura Hip Hop desenvolve, são fundamentais na busca por uma sociedade mais justa e com maior equidade. Acreditamos que é fundamental articular os conhecimentos e conceitos históricos com os saberes/ rastros ancestrais dos Povos Originários da América e de África, assim como de seus descendentes na contemporaneidade.

Desenvolvemos por meio das plataformas culturais como músicas, graffitis, ritmos, letras, danças e vídeos, outras/nossas possibilidades de um ensino-aprendizagem, vinculando os conhecimentos necessários para compreender as habilidades institucionais do mundo capitalista industrial, com as Educabilidades da cultura e da vida em comunidade. A Cultura Hip Hop tem um papel fundamental na construção ética, estética e política das periferias do Brasil e cada vez mais suas Educabilidades entrelaçam as ruas e as instituições culturais e educativas informais e formais da sociedade.

As inovações tecnológicas podem acrescentar qualidade nos encontros educativos de diversas formas, utilizando os suportes tecnológicos da televisão, celular, pen drive, internet, aplicativos e computador, além das tecnologias mais antigas, como o quadro branco, textos em papel, mapas e imagens impressas. No entanto, gostaríamos de destacar duas técnicas dos DJs da Cultura Hip Hop para indicar o Sample e a Mixagem como recursos que podem ser usados por educadoras e educadores nos encontros educacionais conhecidos na música. Nilton Faria de Carvalho em sua dissertação “DJs, remixes e samples: inovação, memória e identidades na linguagem híbrida da música nas mídias” define Sample como o modo que: “A tecnologia atual permite ainda ao disc-jóquei alterar a estética sonora do sample, modificar sua velocidade ou trabalhá-lo como desejar, inclusive usando-o em loop (para ser tocado repetidas vezes)” (CARVALHO, 2016, p. 68). Esta alternativa acaba estimulando a capacidade criativa onde “inovam a linguagem musical ao trazer uma série de complexidades à canção” (CARVALHO, 2016, p. 68). Ou seja, cria-se um campo rico, criativo, onde dialogam com os diferentes campos do existir mesclando “identidades musicais variadas, evocam memórias musicais e demonstram como, no fluxo musical globalizado, os disc-jóqueis assumem diferentes posicionamentos para produzir sentido na cultura midiática de forma independente (CARVALHO, 2016, p.68).

Já a Mixagem é a mistura de diferentes sonoridades por meio da computação, o RAP é

uma produção eletrônica da Música Negra, que invariavelmente utiliza de referências do Funk, Soul, Jazz e Rock como ritmos e melodias que recebem as poesias dos Rappers. Atualmente no Brasil, muitos grupos brasileiros de RAP utilizam Sample de Samba, Baião, Rock nacional, Embolada, Capoeira, Milonga, etc, mixando com a batida Boom Bap do RAP para produzir suas canções. Artistas como Luiz Gonzaga, Bezerra da Silva, Originais do Samba, Jovelina, Tim Maia, Zeca Pagodinho, Belchior, Jorge Ben, entre outros, são sampleados nos RAPs nacionais. “Para os manos que gostam de rap e de um samba do bom”, canta Jorge Aragão, e Leci Brandão já fez até uma canção intitulada “Para o Mano Brown”. O rap já não é o “filho bastardo” da cultura afro-brasileira. (PIMENTEL, 1997, P.26)

Na Cultura Hip Hop, o Sample e a Mixagem são a base musical para a criação dos RAPs nas primeiras décadas, principalmente, pela falta de condições financeiras de possuir instrumentos musicais e educação musical para tocá-los e, assim, criavam melodias para que pudessem serem expressadas poesias em cima de uma base sonora. A partir do começo dos anos 90, surgem grupos de RAP acompanhados por bandas de músicos; no entanto, até hoje, não é comum grupos com instrumentistas, são DJs predominando na criação e execução das melodias que acompanham as letras dos Rappers.

Carvalho (2016, p. 68) destaca que “o sampleamento subverte discursos predominantes na indústria fonográfica e reforça a diversidade nas mídias”. As infinitas possibilidades de utilizar trechos instrumentais ou verbais de músicas promove uma reciclagem de conteúdos, podendo criar um mosaico verbal e sonoro. “Esses procedimentos fazem das artes um ambiente caleidoscópico de concentração textual, em que elementos diferentes se cruzam, reciclam e se fundem constantemente” (CARVALHO, 2016, p. 68).

Assim, os samples que emergem de obras do passado podem ser apropriados de variadas formas e reeditados com base nos impulsos artísticos de mudança e inovação, em meio às tensões relacionais entre os significados musicais trazidos do passado ao presente. Essa característica é impressa na canção em especial por articulações subjetivas, abastecidas pelas experiências de vida que absorveram matrizes sonoras diversas e agora reconfiguradas como variantes estéticas num sentido dialético, que difere dos discursos hegemônicos de interesse mercadológico (CARVALHO, 2016, p.75).

Ao samplearmos e mixarmos conteúdos e estratégias nos encontros educacionais, fazemos escolhas objetivas e subjetivas, assim, recriamos a História desde o ponto de vista do que os estudos no coletivo da sala de aula permitiu construir. A internet é uma ferramenta interativa preciosa, pois seus mecanismos de busca em diferentes plataformas possibilitam

ampliar as exemplificações e aproximar o conteúdo apresentado aos conhecimentos trazidos pelas educandas e educandos, que são ávidos nas pesquisas na internet. Samplear trechos de vídeos e músicas para apresentar em aula, é um mecanismo que não é estranho aos jovens no seu cotidiano digital. Existem muitos aplicativos gratuitos para edição de fotos, vídeos e criação de músicas acessíveis para os jovens usarem sua criatividade. Sugere-se aos mediadores deste processo, lançar mão de um roteiro que oriente o trabalho com o coletivo em classe, valorizando ao máximo a participação na discussão de cada estudante. No dizer de Pereira (2015, p. 10):

[...] certa construção de temporalidades, regimes de historicidade, espaço de experiência e horizonte de expectativa na atualidade e particularmente entre os jovens, onde paradoxalmente memória, nostalgia, entretenimento e presentismo mostram-se em conflituoso jogo, apontando tanto para idealizações quanto para reapropriações do passado [...].

Inspirado nestes recursos, acreditamos que é possível Samplear e Mixar conteúdos, plataformas de apresentação, participação e até mesmo estratégias de avaliação. Com o educador realizando a mediação destes usos e conteúdos se pode estimular, pelo lazer, ludicidade e produção coletiva experimentos com os processos de sampleagem e mixagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho nos propusemos a pensar sobre as contribuições que a cultura Hip Hop agrega ou pode agregar ao ensino de história na educação básica. Lançando mão da noção de educabilidades, termo cunhado por Gustsack (2002), tomamos por referência para produzir a reflexão sobre o ensino de história trabalhado com turmas de 9 ano. Este estudo se pauta igualmente pelas preocupações em atender ao que preconiza a Lei 10.639 de 2003, ou seja, a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-brasileira no currículo escolar. Para dar conta deste propósito nos amparamos no que a literatura no campo indica. Das reflexões que foram possíveis elaborar, apresentamos alguns destaques, a título de finalização.

O primeiro deles diz respeito à necessidade de um deslocamento de lugar, desde a perspectiva epistêmica, ou seja, é preciso passar a valorizar, conhecer e, principalmente, escutar de forma implicada e comprometida outras vozes, que invariavelmente carregam dissonâncias com aquelas vozes que a educação se acostumou a ouvir. Dito de outro modo, referimo-nos aos conhecimentos históricos que precisam ser alargados, redimensionados, repensados, desde outros lugares, desde outras perspectivas. Uma história que fale mais de pessoas concretas, de sujeitos históricos, visíveis. Esses sujeitos históricos concretos possuem cor, gênero, opção

religiosa, apostas existenciais que não foram contempladas historicamente naquilo que foi eleito como conhecimento a ser veiculado no currículo escolar.

O segundo destaque implica na preparação de professores competentes e qualificados para realizar este processo de deslocamento, assumindo a cultura que ficou à margem da história como potencialidade de reconstrução de outras histórias, de outras narrativas. Falar na formação dos profissionais da educação é tomar como pressuposto o campo da docência concebido como um campo onde atuam e se movimentam profissionais, portanto aspectos do campo da ciência devem compor e auxiliar na formação, mas não de uma única ciência, mas desde conhecimentos tornados públicos desde muitas vozes, desde muitas narrativas.

O terceiro destaque fica por conta da proposição, através das educabilidades próprias do universo da Cultura Hip Hop, dentre elas situamos como exemplo a técnica de Samplear e da Mixagem como recursos ricos que remetem a estas outras narrativas, mediadas por tecnologias, onde entram em cena formas outras de produzir conhecimento, recorrendo não exclusivamente aos recursos racionais do pensamento ocidental moderno, mas ao encharcamento do racional por dimensões oriundas das emoções e do sentir. Aspectos estes tão presentes e reveladores de práticas exercitadas há muito na tradição do Hip Hop. Foi possível observar que o Sample e a Mixagem possibilitam variações na estratégia pedagógica em um mesmo encontro educacional. Ao trabalharmos as Educabilidades da Cultura Hip Hop, temos essa múltipla possibilidade, fazendo uso de suas plataformas artísticas como o graffiti, vídeos clipes, apresentações de dança e letras de músicas.

Um quarto destaque, para além de um currículo centrado em histórias além-mar, eurocentradas, a Cultura Hip Hop provoca um olhar sobre e desde a experiência afrodiáspórica no continente americano de um modo geral e, em particular, desde o contexto nacional brasileiro. O que nos leva a vislumbrar o quanto de potencialidade se apresenta nestas práticas culturais que ainda precisam ser melhores tratadas no ambiente do currículo escolar e no ambiente da escola de forma mais ampliada.

Deste modo, a construção de um Ensino Antirracista exige coragem para encarar as mais diversas dificuldades. Para tanto, é preciso planejamento, experimentação, protagonismo e sistematização das vivências, para construirmos alternativas para além do pragmatismo dos currículos inchados de conteúdos. Nesta direção, tanto os profissionais da educação (professores) quanto a comunidade e os estudantes são convocados a assumirem o protagonismo neste processo educativo.

As Educabilidades Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas são

fundamentais para construção de uma educação cidadã, na busca por autoestima e na reflexão crítica do mundo que nos cerca, no intuito de fomentar uma formação que ajude nos desafios da vida, com conteúdo programático, vivências coletivas e avaliações que exijam diferentes desenvolvimentos cognitivos, alternando as formas de participação.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Nilton Faria de. **DJs, remixes e samples: inovação, memória e identidades na linguagem híbrida da música nas mídias** - São Caetano do Sul: USCS Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2016. 147 p.
- FERREIRA, Rafael Mautone. **Cultura Hip Hop para o Ensino de História Antirracista: educabilidades nos Anos Finais do Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação. Universidade La Salle – Canoas, 2023.
- FERNANDES, Joseli Aparecida; PEREIRA, Cilene Margarete. **Do Griot ao Rapper: narrativas da comunidade**. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, Três Corações, v. 15, n. 2, p.620-632, ago./dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4261/pdf_705>. Acesso em: 07 jun. 2021.
- GOMES, Nilma Nino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GOMES, Luana Barth; FLORES, Cristine Gabriele de Campos; SILVA, Gilberto Ferreira da; CASAGRANDE, Cledes Antônio. Por uma escola intercultural: a sala de aula como um lugar de muitas histórias. *Inter-Ação*, Goiânia, v.46, n.1, p.95-112, jan/mar.2021.
- GUSTSACK, Felipe. **Hip-Hop: Educabilidades e traços culturais do movimento**. Porto Alegre/RS. 2002.
- MESQUITA, Pedro Henrique Parente de. **Nas batidas dos beats e na cadência do flow: HIP HOP**. Ensino de História e identificação Racial. Natal/RN, 2018.
- NOVAES et all. A carne mais barata do mercado (acadêmico) é a carne negra: o estado da arte sobre o diálogo entre as relações raciais e a educação em periódicos brasileiros de educação. **Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica**. Vitória-ES, v. 26, n. 1, p. 30-49, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/30850> Acesso em: 30 ago 2023.
- ORTIZ OCAÑA, Alexander; ARIAS LÓPEZ, María Isabel. **Hacer decolonial: desobedecer a la metodología de investigación**. HALLAZGOS, vol. 16, n° 31, ene-jun. 2019. Bogotá D. C., Colombia. p. 149-168. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/hall/v16n31/1794-3841-hall-16-31-147-166.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.
- PEREIRA, Grazielly Alves. **Resistências Afro-Brasileiras no ensino de História: A sala de aula e as letras de RAP**. Guarulhos/SP, 2019.

PIMENTEL, Spensy. **Livro Vermelho do Hip Hop**. São Paulo/SP, 1997.

PINHEIRO, Leandro R.; AMARAL, Márcio de Freitas do. **O enunciar identidades na configuração de um Movimento Social**: reflexões sobre as tomadas de posição do Hip Hop .36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

RODRIGUES, Leandra A. M. S; BARBOSA, Mayara L. O.; RIBEIRO, Cristiane Maria. Mapeando a pesquisa em educação das relações étnico-raciais. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 52, 2022. pp. 1-25. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PydYSVHnz3g88S6MrkfLR8F/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 21 ago 2023.

SAPIÊNCIA, Rincon. **A Coisa Tá Preta**. São Paulo: RINCON SAPIÊNCIA, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FsTTvHoLxEAM> Acesso em: 27 de mar. de 2023.

SILVA, Gilberto Ferreira da; MUNSBURG, João Alberto Steffen; FUCHS, Henri Luiz. **O currículo decolonial**: da reflexão à prática intercultural. *Religare*, v.16, n.2, 2019, p. 593-614.

SPIVAK, Gayatri Chacravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018.

ZANETTI, Fernando Luiz. **A Estética da Existência e a Diferença no Encontro da Arte com a Educação**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, out./dez.2016, p. 1439-1458.